

PRODUÇÃO ARTÍSTICA NEGRA E O FEMINISMO BRASILEIRO

AUTORA: RITA DE CÁSSIA CAMARGO DOS SANTOS¹

CO- AUTORA: PROF.^a LINA M^a BRANDÃO DE ARAS²

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA- UFBA

E-MAIL: ritafaizah@bol.com.br

Tendo a pós-modernidade e o pós-estruturalismo princípios filosóficos, as novas teorias feministas visam revisitar os seus conceitos e procedimentos em relação ao lugar da mulher na sociedade, e através da teoria das palavras e das coisas, buscam novas possibilidades dos modos de manifestação tendo, com isso, as expressões artísticas em detrimento das causalidades. Dentro desse pensamento há uma atenção peculiar que subdivide o movimento feminista que direcionando um olhar, não apenas para as mulheres brancas, mas para o papel e o lugar das mulheres negras nas suas relações sociais e políticas dentro e fora do feminismo.

No ensaio “As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea” de Michèlle Barret 1999 há uma tendência foucaultiana segundo Barret para uma valorização das palavras e uma desvalorização das coisas dentro das manifestações feministas. Nesta perspectiva busca-se através da visibilidade das expressões artísticas que subjetivam todas as causas vigentes e teorias que têm como base a sociologia e a política. Para Barret as informações e expressões visuais e literárias do que se refere a uma realidade significava uma grande potência dentro dessa discussão de gênero. Essa proposta trouxe algumas controvérsias dentro das teorias feministas quando algumas estudiosas ainda davam preferência aos fatos como estupros ou feticídio feminino, e com isso Barret diz: “*como sendo mais significativas, por exemplo, do que a construção discursiva da marginalidade em um texto ou documento*”, (Barret,1999, p.109).

As feministas que estavam ainda inseridas em correntes teóricas sociais e filosóficas como o racionalismo que não contribuía para a realidade e as demandas do mundo globalizado onde o sistema de comunicação possibilitava um trânsito maior das produções fictícias do que das escritas sociológicas. Barret via no mundo pós- moderno

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo pela Universidade Federal da Bahia- UFBA.

² Professora Dr^a pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo pela Universidade Federal da Bahia-UFBA.

uma possibilidade de transformação e inovação que podia tanto contribuir com o modo de ver as mulheres como estas teriam alterações na sua forma de se expressar.

Eram duas as correntes que serviram de inspiração para Barret (1999) o pós-estruturalismo que foi criado por Derrida, Foucault e Lacan no mundo pós-moderno que caracteriza-se pelo capitalismo pós-industrial revolução micro-eletrônica e pela globalização dos sistemas de informação.

O pós-estruturalismo tinha como parâmetro discutir as estruturas sociais, o indivíduo, as teorias culturais e sociais e as relações do sujeito humano. Contudo, essa corrente critica as teorias anteriores, tal como o Marxismo, o Racionalismo e o Iluminismo que tinham uma visão universalista sobre o homem, não considerando assim as relações entre gênero e raça como parâmetros para as suas convenções. Foucault, no olhar de Barret não querendo ignorar a realidade daquela época desafiou a hierarquia dos valores típicos da perspectiva materialista e, assim, contrapondo a muda existência da realidade com habilidade de grupos de signos (discursos) capaz de agir como práticas que formam os objetos em que se fala, sendo a linguagem um veículo de expressão de idéias.

A linguagem, ao contrário da coisa em si, constrói pensamentos ilimitados capaz de transformar e possibilitar reações no indivíduo que se sensibiliza com o mundo real a partir da desconstrução e subjetivação; ela, portanto, constrói uma nova idéia. Barret destaca pensamentos revolucionários lingüísticos para reafirmar estes seus pensamentos: “A revolução Saussuriana no mínimo derrubou esse entendimento da linguagem como um mero veículo de expressão, e ultimamente vem crescendo a noção de que a linguagem tem o poder de construir, não apenas de expressar, significados”. (Barret, Vol. 7, 1999, p. 112).

Assim, estas propostas trazem novas formas de ver e tornar arbitrário e democrático o que antes era dado como absoluto. Assim, passava o feminismo por mudança cultural e fictício em seu processo de experimentação. Tratava-se de uma abertura para outros espaços além das ciências sociais e históricas, tendo a arte, as humanidades e a filosofia com o processo de simbolização e representação.

As estudiosas abandonaram o modelo determinista de “*estrutura social*” (seja ele nos moldes tal como capitalismo, o patriarcado, a divisão sexual do trabalho, ou qualquer outro) e passou a lidar com questões de cultura, sexualidade ou agenciamento político, “*contrapesos óbvios para quem antes enfatizava a estrutura social*” (Barret, 1999, p.112).

A partir deste re-questionamento entre estas duas disciplinas (a do objeto e a da política) Barret em seu ensaio revela que não pretende fazer uma Gênese de pensamento, o

que nada comprometeria os fatos reais e casuais já potencializado pelas outras feministas, ela propõe contudo, potencializar as duas formas de refletir o movimento.

Para começar, sugiro que não basta simplesmente voltarmos a atenção de uma direção para outra, nem aplicar o instrumental crítico de uma disciplina no objeto de estudo tradicional de uma outra. A questão de que peso atribuir a esses vários objetos (o econômico ou o estético, por exemplo) terá que, eventualmente, ser repensada (Barret, 1999, p.112).

Este paradoxo ideológico democratizava a experiência onde cada mulher pudesse se expressar e rever o seu lugar de acordo com sua memória, vivência e experiência. Se reavalia assim os sistemas do pensar, abrangendo, ao mesmo tempo, o interior e suas superfícies no processo de interdisciplinar e equilibrar os limites das palavras e das coisas. E tudo isso cria novos paradigmas que de encontro ao objetivismo, Marxismo, Iluminismo e qualquer outro pensamento radical que não condissesse com as demandas do pós-estruturalismo.

Pensar a pós-modernidade implica para os sociólogos, no capitalismo pós-industrial, na revolução tecnológica e na globalização dos sistemas de informação. Mas pensando na diversidade e no multiculturalismo, que é um dos pontos de atenção da sociologia, seria possível pensar na classe majoritária, oprimida desta sociedade, sendo este os gays, as mulheres, as mulheres negras, os negros, etc. E é desta descentralização que os pensamentos de Janet Walff, também uma das autoras citadas por Barret, dizia que os conceitos de pós-modernidade estavam necessitando urgentemente passar por um viés de gênero e abandonar do universalismo teórico que ainda diferenciavam mulheres de homens através do sexo e das condições biológicas e fisiológicas. As mulheres têm suas memórias e experiências particulares e isto diferencia uma das outras além de suas condições sexuais e fisiológicas.

As partes, a especificidade de coisas, o lugar de onde se fala, seria o que caracterizaria este pós-estruturalismo dentro do feminismo ou qualquer outra corrente que abranja a humanidade. Frisado em uma metáfora na qual Barret cita dentro do debate que traz a diferença entre mulheres, ela fala de Elizabeth Spelman que cita o poeta Gwendolyn Brooks que muito tratou deste contexto: “O suco de tomates não é chamado simplesmente de *suco*. É sempre chamado de suco de *tomate*” (Barret, 1999, p.114). E, sobre este poema de Spelman procede a sua metáfora em dizer:

mesmo a leitura mais literal de Brooks deve nos fazer se somos mais cuidadosos/as sobre o que pedimos em um restaurante do que quando pensamos as mulheres como as mulheres particulares que são” (Spelman, 1990, p. 186). (BARRET, 1999, p.115).

É a partir daí que podemos pensar nas diferenças dentro do feminino e a sua pluralidade em diferenças culturais, sociais e étnicas.

A sociedade eurocêntrica, patriarcal, criou um sujeito que a autora chama de, “sujeito cartesiano”, baseado em seu caráter masculino. É um sujeito racional, central e deliberativo.

Tendo como subversão aos modelos racionais e convencionais e quanto à generalização nos procedimentos pós-estruturais, a antropóloga Michelle Rosaldo (1995) utiliza termos como entendimento intercultural, transculturalidade, assimetria de gênero, desequilíbrio sexual, para questionar as afirmações preconceituosas em torno das mulheres e repensar o seu lugar através de estudos antropológicos.

A verdade universal, colocada por pesquisadores no que se refere à assimetria sexual em todos os grupos humanos, tem como parâmetro, a fisiologia sexual. E isto vai de encontro com o que Rosaldo (1995) propõe com os estudos sobre as relações de gênero e as diferenças entre mulheres e homens como produto da o humana em sociedades históricas.

A importância de gênero para a organização de todas as formas institucionais humanas, e de que forma esta relação se constituía no decorrer da história, e anteriormente rejeitados por outros estudiosos. Seria quase impossível, diante de uma sociedade completamente masculina e radical, pensar essas questões para mais do que limites do convencional e unilateral lhes oferecem. Precisaria de um conceito do ponto de vista de uma mulher, que valorizasse tanto as suas relações no espaço doméstico como em outras culturas. E isto coloca em balança relações femininas no mundo. Rosaldo (1995) questiona a sexualização dos conceitos de mulher e por isso aprofundou-se no tema.

Nessas investigações feitas por Rosaldo sobre as particularidades de cada mulher, recolheu-se dados sobre as experiências de mulheres expressam em ambientes, tais dados foram reunidos por pesquisadoras. Porém esta busca não se resume apenas na coleta de dados sobre a vida particular, o seu contato familiar (ido, filho e casa), mas também, em raciocínio antropológico, questionar o lugar da mulher na formação da sociedade, coletando dados sobre o seu passado e a formação social que abriga cada período. Rosaldo (1995) tinha aversão à questão colocada por Beauvoir “O que é a mulher?”, e vendo isso

como uma pergunta altamente sexista ela se desvia para outra pergunta “Será que as coisas sempre foram como elas são hoje?”, e “quando tudo isso começou?” (Rosaldo, 1995, p. 14).

Pensamentos como esse também foram cruciais para pesquisadores altamente canonizados na história da humanidade como Spencer, Drukheim, ENGELS e Freud, quando eles consideravam necessário olhar a evidência da cultura para assim entender as origens e as significações das formas sociais.

E mesmo que este método de pesquisa tivesse abrangido das pesquisadoras e cientistas em torno do feminismo, muitos/as pessoas que consideravam que a sociedade tradicional pré-moderna não oferece nenhuma importância ou relevância entendimento da sociedade contemporânea.

A pesquisa realizada por Rosaldo no decorrer de suas permutações históricas, percebe o impacto que a biologia, fisiologia, e geografia a demografia causavam sobre o cotidiano das mulheres no passado e que isso alterava em muito suas necessidades, sendo assim um ponto a se discutir sobre o fato de as mulheres ainda nos dias de hoje serem tratadas de modo diferente em comparação com os homens.

Pensando assim, cumpriria com maior vigor o pensamento de Rosaldo sobre o que se pensa como multiculturalismo e interdisciplinaridade através da subjetividade de cada mulher. A personalidade e o multicultural por meio das diferenças entre as mulheres do ponto de vista cotidiano, histórico e antropológico são ressaltados. Neste artigo busca-se refletir sobre a subjetividade das mulheres negras.

Bell hooks (1984) que em seu livro “Mulheres negras: dar forma à teoria feminista” dialoga sobre o lugar da mulher negra e a sua invisibilidade na sociedade. O silêncio que esconde as necessidades das mulheres negras no olhar de hooks, ocorre pelo fato de que aquilo que se legitimou como opressão feminina ter vindo do ponto de vista das mulheres mais favorecidas que pertencem a uma classe dominante, branca, capitalista e racista. Essa teoria legitimada não vem de mulheres que tenham sofrido realmente uma opressão.

En los Estados Unidos, El feminismo nunca ha surgido de las mujeres de forma mas directa son víctmas de la opresión sexista; mujeres a las que se golpea a diario mental, física y espiritualmente; mujeres sem la fuerza necesaria para cambiar sus condições de vida. Son una mayoría silenciosa. (hooks,1984, p. 33).

Um dos livros que hooks seleciona como ponto de crítica para reafirmar a sua reflexão acerca das mulheres negras foi “A mística feminina” a escritora norte-americana

Betty Friedan descreve o movimento feminista contemporâneo de um ponto de vista majoritariamente branco. Para Friedan, a condição de mulheres que esta sociedade se referia era um grupo seletivo de mulheres brancas, casadas, donas de casa, com filho e marido, classe média e alta, com educação universitária, tempo livre, vivendo assim no mundo de consumo.

hooks (1984) em seu livro *mística feminista* destaca a seguinte frase: “quero algo mais que um marido, uns filhos e uma casa”. Dessa forma, percebemos o desespero de um grupo restrito de mulheres que gritam muito mais pelo seu vazio cotidiano do que por uma opressão propriamente dita. E o que mais se destaca neste feminismo pode ser o desejo de desfrutar aquilo que a sociedade pós-industrial e capitalista podia lhes oferecer que se conhecia como hedonismo e opulência. Essas mulheres ignoram a existência de mulheres não brancas ou de mulheres brancas pobres e jamais aceitariam ser empregadas, prostitutas ou qualquer outra atividade em seu dia a dia preferindo continuar sendo donas de casa. A sociedade estadunidense é bastante marcada pela divisão de classe e raça e esta se dá através da supremacia branca sobre o público negro; e, neste contexto, hooks traz a escritora Rita Mae Brown que, em seu ensaio, dizia que:

La clase es mucho mais que la definición de Marx sobre las relaciones de los medios de producción. La clase incluye tu comportamiento, tus presupuestos básicos acerca de la vida. Tu experiencia – determinada por tu clase- valida esos presupuestos, como te han enseñado a comportarte, que se espera de ti y de los demás, tu concepción del futuro, como comprendes tus problemas y como los resuelves, como te sientes, piensas, actúas. (hooks, 1984, p. 36).

Seria possível também, no olhar de hooks, visibilizar o lugar de cada mulher, suas relações e diferenças no contexto social no que se refere à etnia. No olhar de Rita Mae Brown, o que define a classe seria a experiência na sociedade e o que cada mulher vivencia em sua particularidade. Aos poucos, essas teorias se aproximam das teorias já citadas de Barret e Rosaldo - quando indagamos os conceitos de diferença entre relações de gênero, raça e etnia a partir da multidisciplinaridade e pluralidade do pós-estruturalismo.

Já que historicamente as feministas brancas lutam pelos seus direitos e apontam o preconceito sofrido por seu sexo, mas não problematizam o sexismo que é apropriado pelo capitalismo e que limita as mulheres na sociedade. As feministas brancas colocaram seus interesses como único problema no movimento feminista. Elas valorizam suas situações em comum a exemplo de opressão. As feministas brancas era quem obtinham o poder por terem assistência da mídia, formação universitária e poder aquisitivo. E as mulheres negras

em situação subalternizada, proletárias, e oprimidas no olhar de hooks, não tiveram o seu discurso levado a sério.

Mesmo com todas as correntes feministas pós-estruturalistas, os discursos produzidos pelas mulheres negras vêm sendo limitados e marginalizados. Por isso, a ênfase do combate ao racismo ocupa práticas discursivas sobre gênero com foco nas mulheres negras. A feminista negra Sueli Carneiro (2011) utiliza a expressão “enegrecendo o feminismo” para designar a trajetória das mulheres negras dentro do movimento feminista, e Ana Angélica Sebastião diz que:

O êxito dessa “estratégia”, de acordo com a autora, pode ser comprovado a partir de uma nova plataforma feminista, adotada durante a Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras, realizada em 2002, em Brasília. esta que espelha a diversidade de mulheres presentes no encontro (mulheres negras, indígenas, brancas, lésbicas, urbanas, rurais, quilombolas, entre outras) e que propõe, entre outros, o reconhecimento da autonomia dos movimentos sociais de mulheres e o comprometimento com a luta antirracista (SEBASTIÃO, Ana Angélica. revista ABPN, mar-jun de 2010, p.69)

Percebemos que a adoção desta nova perspectiva no movimento feminista é capaz de abranger maior parte das mulheres que sofre opressão e preconceito, pois esse novo parâmetro adotado pelas feministas caminha para uma narrativa antirracista e multiculturalista.

O movimento feminista negro no Brasil avança ao verificar a presença da mulher nos campos de trabalho, de saúde, da educação e em outras categorias. Porém esse campo de discussão não se restringe apenas aos debates políticos e sociais para uma conquista do espaço desejável. Não se limita aos fatos e memória histórica como a diáspora africana, a escravidão do europeu sobre os povos africanos e as lutas de resistências por meio de quilombos, fugas, revoltas e suicídios. Não que essas causalidades sejam algo dispensável para a política de cidadania e consciência negra. Mas há de se ressaltar aquilo que a escritora Michèlle Barret considera como indispensável nas teorias feministas que é valorização da palavra em detrimento das coisas. A interdisciplinaridade e a subjetividade também são pontos cruciais para a valorização e expressão nas discussões de gênero dentro do feminismo negro.

Se Michelle Rosaldo navega na memória feminina através da antropologia para problematizar os estudos feministas, há também grandes artistas mulheres que, por meio da sensibilidade, buscam rever as experiências e subjetividades, para assim desvendar a complexa teia que coloca as mulheres negras ainda nos dias de hoje em pé de desigualdade

quando comparadas aos homens negros e brancos e as mulheres brancas. Nesta perspectiva de revisitar um passado e sua ligação com a arte que se tem apoderado destas experiências ancestrais para levar assim a um diálogo com a linguagem seja verbal ou visual como um instrumento de protesto, reivindicação e poética.

No artigo *Mulheres negras nos cadernos negros: autoria e apresen ações*, Fernanda Rodrigues de Figueiredo ressalta a importância da memória da mulher negra dentro da poesia dos “Cados Negros” e com isso pontua que as mulheres negras vêm reconstruindo sua memória que durante anos foi fragmentada. Esta fragmentação garante assim o não lugar das mulheres negras na história. E as escritoras negras ao verificar este vácuo que silencia e invisibiliza suas narrativas que as mesmas buscam reconstruir estas narrativas que postas em evidência redimensiona o percurso da história nacional como aponta Figueiredo abaixo:

Por via da memória a (re) construção da identidade lança mão de uma “dialética da violência”, como vimos anteriormente, e este recurso percorre a História, revisitando-a nos pontos silenciados, ou seja, tornando audíveis as vozes, outrora, excluídas. (FIGUEIREDO, p.65, 2009).

Recorrer ao passado seria um ato de beber na fonte de uma vida ancestral, de uma identidade ancestral, para voltar ao presente com luta e resistência para assim indagar a história atual.

Vivemos em uma sociedade onde os valores são reservados a certos grupos ou nações e, portanto, percebemos o “patenteamento” que estes fazem por meio da escrita e dos relatos históricos que selecionam como importantes para a compreensão e apreensão *do outro*. Levando-se em conta que a palavra está muito mais para uma construção do que para a significação que podemos considerar que vivemos rodeados de imagens, altamente ideológicas e pretensivas. Esse processo de manipulação através de símbolos é controlado através de modelos culturais que regulam o que pode ser visto e o que deve ser escondido, este controle dos símbolos se dá em várias áreas do conhecimento, inclusive na narrativa literária que apresenta aos leitores (as) a história a partir de uma única perspectiva e que na maioria das vezes é tomada como verdade inquestionável.

E isso resulta no que a escritora Kátia da Costa Bezerra(2007), em seu livro *Vozes em Dissonância: Mulheres, memória e nação*, denomina como “poder simbólico”:

Pode-se afirmar, assim que esses modelos culturais permitem a e
circulação de símbolos e histórias disponíveis na esfera pública cuja comunidade
e similaridade tentam estimular a produção de certos tipos de memória.
(BEZERRA, 2007, p. 92)

Assim como o ato de contar histórias funciona como uma maneira de legitimação de uma nação, há sempre uma reivindicação não convencional que visa a não universalização de um discurso de gênero. Por essas fissuras, há uma busca por visibilidade daquilo que se tornava invisível nos discursos manipuladores.

Há sempre um lugar de quem fala, a sua condição social, sua memória. As manifestações culturais fictícias podem com isso revelar o interior e a experiência de cada mulher e que evidencia a sua subjetividade. E isso é o que pluraliza o movimento feminista, trazendo outras possibilidades de expressão que possam responder por necessidades particulares e peculiares, e com isso dar acessibilidade tanto de informação como de reflexão ao público. E a arte tem este poder de revelar uma expressão que será digna de desconstrução do (a) espectador (a), envolvendo, portanto, não apenas o olhar de quem fala, mas, o lugar do (a) receptor (a).

Na perspectiva estrutural, é limitada esta subjetividade e liberdade. A verdade é pura e absoluta e, portanto, pré-formada pela emissora. No pós-estruturalismo, a perspectiva de liberdade e de subjetividade é um ponto fundamental para uma leitura abrangente de uma determinada informação, ou seja, não basta apenas uma perspectiva para que se chegue a compreensão real de uma informação, mas mais de uma perspectiva para que assim se chegue a melhor compreensão de uma determinada informação.

No Brasil temos grandes escritoras negras na contemporaneidade que expressam a sua força e dor para, assim brigar com o mundo racista, sexista e determinista por meio de suas palavras. Uma dessas poetisas chama-se Mirian Alves e é umas das escritoras que participa do livro de poesia marginal brasileiro chamado *Cadernos Negros*, onde produz um texto que constrói a sua relação ancestral na criação poética. O poema “Eu mulher em luta” revela a sua relação e posição política diante a questão de gênero e de raça:

Eu mulher em luta

Enluto-me e o poema sai assim

Meio mágoa

Meio lágrima

Meio torto

Toda lança

Enluto-me por aquelas vindas no arrastão atlântico
Enluto-me ao ver dilacerar pele, corpo e mente

Eu mulher em luta
combato o ócio de quem não vê
no silêncio das casas os estupros- menina
cotidianamente

eu enluto
toda mágoa
toda dor
toda lágrima
enrijeço-me sob o toque tomador
marcando o desejo
sou toda combate toda força

eu mulher em toques no teclado
faço das luzes da tela meu alento
alimento em palavras
o meu desejo pleno de ser
e vou tiquetaqueando retirando dos sons
palavras e imagens
tamborilando mensagem vou

(Mirian Alves, Cadernos Negros, 2010, p.122)

Fonte: [HTTP:// overtebral.blogspot.com/.../billie-holiday-no-fio-da-navalha.html](http://overtebral.blogspot.com/.../billie-holiday-no-fio-da-navalha.html). acesso em 19 de ago. 2011;

A escrita de Mirian Alves se confunde com luta e resistência. A palavra é como se fosse arma re-significada por ela para, assim, vencer em seu campo de batalha. O artigo *Reivindicação identitária* na poesia de Miriam Alves, publicado por Serafina Ferreira Machado (2009), em seu trabalho traz esta mescla de experiência na narrativa a partir do olhar de uma perspectiva traduz na escrita suas vivências, realidade. Mulheres negras que extraem de suas relações sociais o que há de belo e o que não há de belo para assim transformar a própria realidade e a realidade das demais pessoas que estão a sua volta. Tal característica se evidencia quando a autora parte do conceito de quilombo para assim chegar nas intenções poéticas de Alves.

O uso do termo 'quilombo' remonta ao período colonial, tendo se constituído em um instrumento de resistência à escravidão, através de fuga do cativo e esconderijo em locais de difícil acesso às forças repressivas. Enquanto categoria jurídica designava, portanto, uma afronta à ordem instituída. Este significado se

confronta com o conteúdo semântico da matriz Banto: povoação e união (Lopes 2003: 186), acampamento guerreiro na floresta ou divisão administrativa (Machado, UEL, P. 18, 2009).

Serafina Machado entende o poema de Mirian Alves como uma forma de luta quilombola pelo direito de ser pessoa. Assim, ver a literatura negra como um quilombo, implica entendê-la no lugar de criação, manutenção e difusão de memórias e de identidade. É um espaço verbal em que o poeta autônomo transgride, no interior de sua ancestralidade, para assim revelar a sua dor. Portanto, a literatura negra é lugar de transgressão, ao interpretar fatos e reflexões novas, produzindo uma história que se distancia daquela apresentada pelo colonizador.

Fazer literatura negra é como ocupar lugar de autonomia onde o direito a fala nos dá a possibilidade de ser contra aquilo que a sociedade coloca como verdade- o que Serafina Machado chama de “*contra-fala*” ao discurso oficial o da opressão. Assim, como uma fuga para o quilombo seria a ocupação de um lugar próprio, onde se forma pensamentos capazes de competir com o sistema opressor, a literatura negra seria um lugar de ser humano, lugar de pessoa, de ser igual.

A poesia por escritoras como Serafina Machado e Miriam Alves tem como missão de atuar e interagir, no espaço social, um meio pelo qual se desvela a consciência de opressão e desumanização. E isto é o que Mirian chama “Luta Ideal”. O seu lugar de mulher, lugar de dupla marginalização, por ser negra, são sempre motivos não para se convencer do seu lugar subalternizado, mas para lutar, ir de encontro com o que se dar como verdade, revelando para o mundo a sua ferida: “*A sua poesia é, pois, a de ferida aberta, de uma memória que está sempre em risco de se romper, de uma fascinação pelo grito e pela necessidade de defesa, caminhos necessários para a busca de justiça*”. (Machado. UEL. P. 19, 2009).

A poesia é uma ação que interfere no espaço social- sendo assim a arma dos marginalizados, aqueles que estão hostilizados do processo de representação e produção cultural. Eis uma poetisa marginal. Visto que representa um quilombismo contemporâneo, traduz a consciência da opressão- revela um “Eu” – reivindica afirmação humana, étnica e cultural.

No campo das artes plásticas Rosana Paulino artista plástica e educadora trabalha sobre uma investigação onde aborda questões ligadas a e etnia, notadamente as que

envolvem a situação social da mulher negra no Brasil. instalação "O baile" (2004) refere-se ao imaginário coletivo e à construção identitária da imagem da mulher através dos contos de fada, tais contos moldam nossa personalidade enquanto sujeitas e determinam no imaginário coletivo o belo e o não belo que muitas vezes não se refere a realidade, já que tais atribuições perpassam pela cor da pele, textura do cabelo, etc. Ou seja, a artista busca evidenciar em seu trabalho os referenciais de beleza que temos como modelos a seguir que nos são representados desde a TV, as revistas de moda, aos contos de fadas. Porém observa-se como tais referenciais não coincidem com a realidade na maioria das vezes, já que estes referenciais são brancos, de olhos claros e cabelos lisos e loiros. Como se este fosse o único parâmetro de beleza predominante no Brasil.

A artista atenta que este modelo de beleza instaurado em nosso imaginário coletivo não faz parte da realidade brasileira que tem por sua grande maioria uma população negra e mestiça e esta população muitas vezes não é magra, a .

Considerações Finais

Diante do exposto, percebemos o quanto a valorização do discurso poético é crucial para a visibilidade e interdisciplinaridade do discurso feminista, principalmente o feminismo negro. Já que a palavra dada como oficial restringe os discursos a um grupo seletivo do movimento (geralmente ligado às mulheres brancas, ricas pertencentes à classe dominante), seria possível a inserção de linguagens que visassem à particularidade e subjetividade de cada mulher e isso se materializaria através das expressões artísticas.

A memória, ancestralidade e experiência são cruciais para a materialização de uma idéia. O/a escritora sempre coloca a sua pessoalidade e personalidade, aqui que toca e incomoda, através de sua experiência com o mundo e dos fatos legados pela história. Sendo a arte uma subversão ou recriação ao que já existe. Assim, as teorias e os fatos não são substituídos pelas ficções artísticas, mas sim, ambas ocupando um espaço de militância quando dialogam e se subvertem. Tanto os escritos canô que marcam a verdade sobre o feminino precisam das manifestações alternativas das mulheres marginalizadas para construir uma teoria mais democrática, como essas mulheres precisam alcançar este lugar para assim mostrar para o mundo as suas necessidades. O dito pluralismo da pós-modernidade com essa necessidade de transformação e democratização se utiliza da

sociologia, da filosofia e das humanidades para subverter-se aos seus precedentes racionais e estruturais.

Mesmo o dito “a voz dos excluídos” não ocupando o lugar sagrado da fala da sociedade burguesa, ela fala do seu lugar. A partir de um ponto de vista e utiliza dos recursos que lhe for mais peculiar, daquilo que melhor expressar as suas emoções, dores, experiências.

Referências

- BARRET, Michèlle. As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 7, N.1, 2, 1999;
- BEZERRA, Kátia da Costa. *Vozes em dissonância. Mulheres Memória e nação; Revisitando os textos canônicos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, P. 91-119;
- hooks, Bell. *Mujeres Negras*. Dar forma a La teoria feminista, 1984.
- RIBEIRO, Esmeralda e BARBOSA, Márcio (orgs.) *Cadernos Negros*. Poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2010. Vol. 33.
- ROSALDO, Michelle. *O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o fem ismo e o entendimento intercultural*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p.11-36;
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer O Feminismo: A Situação da Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero; Disponível em: www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf, acesso em: 25 de ago. 2011;
- Mirian Alves. Disponível em: www.alvesescritorapoeta.blogspot.com/. Acesso em: 20 de Ago. 2011.
- Mirian Alves. Disponível em: www.muse.jhu.edu/journals/callaloo/v018/18.4alves_p.html. Acesso em: 20 de ago. 2011.
- Mulheres negras nos cadernos negros. Disponível em: www.bibliotecadigital.ufmg.br, acesso em: 19 de ago. 2011;
- SEBASTIÃO, Ana Angélica. *Feminismo negro no campo da cultura*. Disponível em: www.abpn.org.br/Revista/, em Acesso em: 18 de ago. 2011;
- SILVA, Assunção de Maria Souza e. *Literatura Afro- brasileira*. Disponível em: www.ceao.ufba.br/livrosevideos, acesso em: 18 de ago. 2010.